

“PEDAGOGAS *BODY POSITIVE*”:

o que se aprende sobre o corpo gordo no youtube?

“*BODYPOSITIVE* PEDAGOGUES”:

what can be learnt about the fat body on youtube?

Kamyla Stanieski Dias¹

Daniela Ripoll²

Resumo

A internet tem se tornado um espaço não só de comunicação, como, também, de aprendizado, pois constitui subjetividades, produz identidades e expõe novos modos de ser e existir no mundo. Além disso, a internet tem proporcionado certa autonomia, possibilitando a expressão de novas reivindicações. Isso faz com que movimentos sociais, como o feminismo, contestem questões relacionadas ao corpo de diferentes maneiras. Como consequência, novos movimentos têm surgido, como o body positive, cujo objetivo é promover a autoaceitação corporal, independentemente de tamanho e forma. A partir dessas considerações, o presente artigo analisa, a partir do campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, quais são as lições sobre amor-próprio e autoaceitação ensinadas em vídeos de ativistas body positive no YouTube. Na pesquisa, foram empregados os conceitos de Pedagogia Cultural (ANDRADE, 2016; CAMOZZATO, 2012; SILVA, 2010), Representação (HALL, 2016) e, como metodologia, utilizou-se a Análise Cultural (MORAES, 2016). Foram identificadas duas lições, ambas ancoradas em discursos oriundos da autoajuda, resultando na produção de representações de corpo gordo como “saudáveis”, “belos” e “normais”.

Palavras-chave: Estudos Culturais em Educação; Corpo gordo; movimento body positive; YouTube.

Abstract

The internet has become a space not only for communication, but also for learning, as it constitutes subjectivities, produces identities and exposes new ways of being and existing in the world. In addition, the internet has provided some autonomy, allowing the expression of new demands. This causes social movements, such as feminism, to challenge issues related to the body in different ways. As a consequence, new movements have emerged, such as body positive, whose objective is to promote body self-acceptance regardless of size and shape. Based on these considerations, this article analyzes, from

1 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, na área de Ciências, Currículo e Tecnologia; desenvolveu pesquisa sobre corpo, representação, pedagogias culturais, ciberativismo e Fat Studies. É Licenciada em História pela mesma Universidade. Tem experiência em pesquisa acadêmica em história nas áreas de gênero, educação, em Estudos Culturais nas áreas de corpo e ciberativismo.95kdias@gmail.com

2 Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005), com Doutorado Sanduíche pela University of Plymouth (2004). Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (2009-2010) e, atualmente, é professora permanente e membro da Comissão Coordenadora do referido Programa. Integrou o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Luterana do Brasil (2007 a 2011). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Estudos Culturais em Educação, atuando principalmente com Educação; Estudos Culturais; Educação em Ciências e Biologia. dripoll@terra.com.br

the theoretical field of Cultural Studies in Education, what are the lessons on self-love and self-acceptance taught in videos of body positive activists on YouTube. In the research, the concepts of Cultural Pedagogy (ANDRADE, 2016; CAMOZZATO, 2012; SILVA, 2010) and Representation (HALL, 2016) were used and, as a methodology, Cultural Analysis (MORAES, 2016) was used. Two lessons were identified, both anchored in speeches from self-help, resulting in the production of representations of fat body as "healthy", "beautiful" and "normal".

Keywords: Cultural Studies in Education; Fat body; body positive movement; YouTube.

Introdução

A constituição da nossa subjetividade e de quem somos passa pelo corpo. É possível observar que as disputas sobre o corpo, bem como suas marcas e seus significados se intensificaram a partir do século XX, quando este se tornou objeto de estudo e, principalmente, quando os avanços científicos e tecnológicos proporcionaram a produção de novos tipos (e novas possibilidades) de corpos por meio de diferentes produtos e técnicas: dietas, suplementos alimentares, exercícios físicos, medicamentos e drogas químicas, cirurgias plásticas, tinturas de cabelo, bronzeamentos artificiais, etc. Para Ortega e Zorzaneli (2010, p. 63), os modos de subjetivação contemporâneos estão sofrendo uma lenta modificação e passando a ser definidos em termos corporais e biomédicos, e esses processos dizem respeito às práticas socioculturais que têm privilegiado cada vez mais o corpo. Através da manipulação do corpo, podemos definir e redefinir, construir e modificar quem somos:

o corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente descartáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é peça principal da afirmação pessoal (LE BRETON, 2013, p. 28).

O corpo é, então, produzido à medida que diversas representações e ensinamentos, presentes na cultura, nos são apresentados no âmbito individual e/ou coletivo. É válido lembrar também que não somos simples receptáculos passivos governados pela cultura: reagimos às representações e aos ensinamentos, aceitando ou resistindo, negociando ou transgredindo, pois tanto os corpos como a cultura são campos políticos de disputas de significados. Neste sentido, o corpo pode e deve ser pensado como resultado dessas disputas e de determinado contexto histórico.

Desde cedo, somos ensinados sobre o que é feio ou bonito, o que é aceitável ou não, o que é ser alto ou baixo, quem é gordo ou magro, normal ou anormal. Depois da família, é na

escola que descobrimos em quais dessas categorias nos encaixamos – concordando ou não, desejando ou não, somos rotulados no espaço escolar. Todavia, esta descoberta do corpo também ocorre em ambientes extraescolares, em diversas instâncias culturais, como a mídia (a partir de programas de TV, noticiários, comerciais, novelas, filmes, revistas, rádio, séries, etc.) e, também, na internet, através de sites, redes sociais, vídeos, imagens, notícias, blogs, etc. Logo, a educação está além dos muros da escola; ela está também na palma da mão, na tela dos smartphones, interpelando os sujeitos e constituindo suas subjetividades e identidades.

A difusão da internet foi um fenômeno que não só promoveu uma nova economia com seus empreendedores, como ainda alterou o modo como os sujeitos se relacionam e se organizam. Manuel Castells (2004, p. 55) afirma que “os sistemas tecnológicos se produzem socialmente e a produção social é determinada pela cultura. A internet não constitui uma exceção a esta regra”. Sendo assim, esta é uma produção tecnológica, cultural e também educacional, pois propicia novas configurações sociais, novos meios de aprendizagem e de subjetivação.

Dessa maneira, a educação e a internet se apresentam cada vez mais relacionadas, não só pelas plataformas de ensino online, pelos cursos a distância, pela divulgação de pesquisas científicas e acadêmicas, mas também pela disponibilização de livros e materiais didáticos em sites e blogs. A educação no ambiente virtual ocorre das mais variadas formas, desde a divulgação de notícias, de relatos pessoais, *memes*³, imagens e publicações. A cada clique, a cada página vista, é possível descobrir diversos modos de ser e existir em sociedade.

Além disso, a internet se tornou também um espaço onde os sujeitos narram a si mesmos e dão testemunho – de si e de outrem. Esses espaços transformaram-se, também, nos novos meios de compartilhamento de dores e esperanças, levando até, eventualmente, à efetiva mobilização social. A autonomia que a internet tem proporcionado, possibilitando a livre expressão, tem permitido que diversos sujeitos sejam ouvidos e representados, podendo, assim, expor suas ideias, dores e ideais. Antigas causas políticas e sociais passaram, também, a ocupar

³ O termo “meme” refere-se ao fenômeno de conteúdo ou conceitos que se espalham rapidamente entre os usuários da internet, que alude a uma teoria de Richard Dawkins (“O Gene Egoísta”, de 1976), a qual considera os memes como um análogo cultural de genes, a fim de explicar como os rumores, as frases de efeito, as melodias ou as tendências da moda se reproduzem através de uma população. Os memes da internet geralmente consistem em notícias, sites, slogans, imagens ou clipes de vídeo incomuns sobre diversos temas, como cultura popular, política, costumes, etc. Em termos simples, os memes da internet estão dentro de piadas ou pedaços de conhecimento que se propagam entre as pessoas por meio de e-mail, mensagens instantâneas, fóruns, blogs ou sites de redes sociais (BAUCKHAGE, 2011, tradução nossa).

as redes sociais, em que novas reivindicações ganharam espaço devido à popularização deste tipo de movimento e à liberdade que o meio digital pode propiciar.

Movimentos sociais já existentes, como o feminismo, têm conquistado cada vez mais espaço na internet, levantando temas relacionados a machismo, sexualidade feminina, gênero, trabalho, raça, classe e corpo. Assim, questões vinculadas à aparência física e a ideais de beleza – massivamente defendidos por discursos médicos e propagados pelas mídias – entram em disputa na rede. Essas discussões resultaram em movimentos que questionam, por exemplo, padrões corporais e estéticos, como o “*body positive*” (o qual significa “corpo positivo” em tradução literal), cujo objetivo é promover a autoaceitação corporal e o amor-próprio, propondo aos sujeitos encararem o próprio corpo de maneira mais positiva, independentemente da forma física, do peso ou da cor. Atualmente, existem diversas pessoas na internet, através das redes sociais, que se definem ativistas *body positive* e que buscam divulgar a ideia de um “corpo positivo”.

Baseadas nessas considerações, analisamos, a partir do campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, quatro vídeos dos canais de YouTube “Tá Querida” e “Alexandrismos”, a fim de identificar quais são as lições sobre amor-próprio e autoaceitação ensinadas nos vídeos desses canais, bem como entender como as lições são ensinadas e quais estratégias representacionais são acionadas pelas youtubers Luiza Junqueira e Alexandra Gurgel.

O YouTube é uma plataforma online que permite criar, carregar, publicar e compartilhar vídeos em formato digital, fundada em 2005 e comprada pela Google em 2006. “*Broadcast yourself*”, ou seja, “transmita-se”, era o slogan inicial do site, difundindo a ideia de que o usuário tem autonomia e liberdade de produzir e publicar seu próprio conteúdo na internet (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17-20). Desde então, o site se tornou uma das plataformas mais populares de armazenamento de vídeos. Com o passar dos anos, a ideia de produzir, armazenar e compartilhar conteúdo se popularizou, e o YouTube trouxe novos recursos para seus usuários, possibilitando-lhes até edição de vídeos pelo próprio site. Os criadores de conteúdo para o YouTube são chamados de youtubers. Os mais populares – que possuem mais visualizações, inscritos e reconhecimento dos públicos – são “celebridades” e “influenciadores” da internet, cujas produções são remuneradas. Logo, ser youtuber atualmente é uma atividade considerada como “trabalho”.

Para este artigo, foram analisados dois vídeos do canal “Tá Querida”⁴, criado pela youtuber Luiza Junqueira em 2015. De acordo com a descrição do próprio canal, seus principais assuntos são autoestima, empoderamento feminino, beleza, culinária e *vlogs*⁵ de viagem e dia a dia. A maior parte dos seus vídeos e trabalhos na internet trata sobre a aceitação do próprio corpo, autoestima, movimento *body positive*, sexualidade feminina, além de falar também sobre cabelos (com tutoriais de descoloração, pintura e corte). O canal conta com mais de 290 vídeos e mais de 600 mil inscritos⁶.

Já do canal “Alexandrismos”⁷ – criado, em 2015, pela jornalista Alexandra Gurgel – também foram analisados dois vídeos. Alexandra deixou seu trabalho formal como jornalista para se tornar youtuber e, na internet, ela se apresenta como youtuber, jornalista, feminista e ativista *body positive*. Desde o início do canal, Alexandra fala sobre corpo, autoestima, autoaceitação, ser gorda e ter amor-próprio. No total, o canal contém mais de 400 vídeos e mais de 480 mil inscritos⁸.

1. Referencial teórico

A partir do campo teórico dos Estudos Culturais, de viés pós-estruturalista, a cultura passa a ser entendida como uma arena política de lutas, entre diferentes grupos, em torno de significados que são disputados e negociados. Nessa direção, a cultura é operante e central neste campo de pesquisa, pois é a partir dela que são analisados pensamentos, ações e significados em sociedade, bem como o modo de vida dos sujeitos, suas ações e posicionamentos. Ela está, ainda, envolvida na formação das identidades e subjetividades dos sujeitos – e, em função disso, pode-se afirmar que a educação dos sujeitos não se dá apenas no espaço formal, como escolas e universidades, mas os sujeitos também são educados pela/na cultura (HALL, 2016).

Partindo dessas questões, posicionamos os vídeos das youtubers Luiza Junqueira (canal “Tá Querida”) e Alexandra Gurgel (canal “Alexandrismos”) como artefatos que instituem uma

⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCVEVuanoMK9tGclfWLghaKw> (acesso em 20/03/2020)

⁵ *Vlog* é uma abreviação para “*videoblog*”, ou seja, um tipo de blog em formato de vídeo, onde o *vlogger* (aquele que produz o vídeo) fala sobre qualquer assunto de seu interesse.

⁶ Dados atualizados em 20 de março de 2020.

⁷ <https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ> (acesso em 20/03/2020)

⁸ Dados atualizados em 20 de março de 2020.

série de pedagogias culturais (ANDRADE, 2016; CAMOZZATO, 2012; SILVA, 2010). O surgimento das teorias críticas na área da Educação, ainda no século XX, assim como as discussões sobre cultura passaram a apontar o espaço pedagógico como um meio político não neutro, no qual ocorrem disputas ideológicas e de poder, ampliando ainda o entendimento do que é pedagógico. Deste modo, não apenas os currículos escolares passaram a ser observados e pesquisados, mas também outras instâncias, como programas de rádio, TV, jornais e revistas – tidos como pedagógicos e produzidos sob interesses específicos (inclusive, corporativos).

A partir da aproximação dos Estudos Culturais com o campo da Educação, foi reforçada a ideia de “pedagogia” como uma rede de significados relacionada à cultura, à política e ao poder. O conceito de “cultura” aproxima e relaciona a Educação a outras instâncias culturais, as quais também possuem uma pedagogia, cujo sistema de significados acaba transformando as identidades e as subjetividades dos sujeitos. Tais processos extraescolares passam, então, a ser considerados sistemas culturais e de aprendizagem.

O YouTube, como já foi afirmado, é uma plataforma de mídia que permite aos seus usuários criar e publicar vídeos sobre diversos temas. Esses conteúdos podem circular por diferentes mídias, sites e redes sociais, trazendo consigo diferentes representações que reforçam, validam, ensinam e produzem distintas identidades, modos de pensar, ser e existir que interpelam cotidianamente os sujeitos.

Para analisar o material empírico, o conceito de representação (HALL, 2016) se mostrou bastante produtivo. A representação é entendida como a produção de significados acerca do mundo (material ou imaginário) através da linguagem e dentro de uma determinada cultura, ou seja, entre sujeitos que compartilham mapas conceituais e que trocam sentidos e conceitos por meio de uma linguagem comum (HALL, 2016). Partimos de uma abordagem discursiva, concentrando-nos nos efeitos e nas consequências da representação, pois o discurso está relacionado à produção de sentidos pela linguagem, isto é, sistemas que operam como signos e, ao se organizar com outros, são capazes de expressar algum sentido.

Tais conceitos são centrais para este estudo, uma vez que entendemos que são produzidas representações em meios midiáticos virtuais, como em vídeos do YouTube – representações essas que operam como pedagogias culturais, interpelando e moldando os sujeitos e suas identidades e subjetividades. As práticas das youtubers nos vídeos produzem significados também através do corpo, com seus gestos, suas expressões faciais, postura, do modo de vestir e do corpo como um todo. Todavia, as práticas de significação também envolvem relações de

poder, definindo quem (ou o que) é incluído ou excluído, normal ou anormal, saudável ou doente, gerando disputas e negociações dos significados que contestam as identidades.

2. Material analítico e metodologia

A articulação entre os conceitos teóricos e os materiais empíricos nas análises dos vídeos ocorreu a partir do roteiro analítico proposto por Fischer (2006), com base no conceito de “estatuto pedagógico da mídia”, conectando os campos da Educação e da Comunicação. Fischer (1997, p. 61) afirma que, por meio da análise de programas de TV, revistas e jornais (e, neste caso, consideramos também os vídeos presentes no YouTube), é possível atestar que a mídia, além de veicular, também produz estes saberes e formas especializadas de se comunicar e de produzir sujeitos, exercendo assim uma função pedagógica, tendo em vista que são construídas estratégias comunicativas a partir da linguagem para informar e formar.

Inspirada na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito de Michel Foucault (bem como o conceito de “dispositivo pedagógico”), Fischer (1997, p. 63) procurou dinamizar essas teorizações, associando-as com teorias oriundas da área da Comunicação Social, o que resultou na noção de “dispositivo pedagógico” da mídia. Este se constrói pela linguagem, considerando que existe uma lógica discursiva nestes materiais midiáticos operando na produção de sentidos e de sujeitos sociais.

O roteiro de análise, presente no estudo “Televisão e Educação: pensar e fruir a TV” (FISCHER, 2006), consiste em seis problematizações que podem ser feitas a partir de materiais midiáticos, desde jornais e revistas, até programas de TV, música e rádio. Porém, como trata-se de vídeos em canais na internet, o roteiro foi adaptado e utilizado para os primeiros levantamentos e investigações. Os critérios de seleção dos vídeos dos canais “Tá Querida” e “Alexandrismos” foram os seguintes: vídeos cuja temática girava, de maneira central, sobre o corpo, a autoaceitação, o amor-próprio e o movimento *body positive*; vídeos em que havia a exposição dos corpos das youtubers; e, por fim, que tratavam de alguma questão pessoal das youtubers, seja sobre o próprio corpo, saúde mental ou cotidiano. Os vídeos selecionados do canal “Tá Querida” foram “*Tour pelo meu corpo*”⁹ e “*Meus defeitos e imperfeições*”¹⁰. No

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=hDpHE2U4PEk> - acesso em 20/03/20

¹⁰ https://www.youtube.com/watch?v=-AxDiKPN_jI - acesso em 20/03/20

canal “Alexandrismos”, foram selecionados os vídeos “*Tour pelo meu corpo*”¹¹ e “*Tour pelas minhas estrias*”¹².

Em uma segunda etapa, os vídeos foram assistidos atentamente, e trechos de falas e capturas de tela foram selecionados para serem analisados de acordo com as questões de pesquisa. Para isso, empregamos as considerações teórico-metodológicas de Ana Luiza Coiro Moraes (2016) sobre Análise Cultural, a qual considera que

empreender uma análise cultural comprometida com as conjunturas dadas pelas próprias práticas sociais objeto do estudo passa por um tipo de reflexão que inclui as interrelações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões (MORAES, 2016, p. 7).

Esses padrões que caracterizam determinadas práticas sociais em um determinado momento dentro de uma sociedade, assim como os modos pelos quais estas práticas são vividas e experienciadas formam “padrões culturais”, o que permite analisar regularidades e rupturas (MORAES, 2016, p. 8). A análise cultural propõe buscar e identificar padrões que se repetem e suas rupturas, o que foi produtivo na análise e investigação das falas e imagens nos vídeos selecionados. Isso nos levou a localizar quando e como as youtubers buscavam romper com certos discursos e padrões culturais ou quando reforçavam outros significados sobre o corpo.

3. As Lições

As youtubers Luiza e Alexandra se apresentam na internet como mulheres gordas, fora dos padrões estéticos e de beleza contemporâneos estabelecidos pela cultura. Um dos seus objetivos com o movimento *body positive* é tentar combater a gordofobia, isto é, o preconceito contra pessoas gordas, pois o corpo gordo é historicamente representado e posicionado como um corpo não só feio, como também lento e defeituoso (VIGARELLO, 2012), transgressor e animalesco (FISCHLER, 2005; CARVALHO, 2009), doente e à beira da morte (POULAIN, 2013).

Para Paula Sibilia (2004, p. 68), a medicalização do corpo gordo, a partir da metade do século XX até o presente, resultou em uma repulsa pela gordura: a lipofobia, o horror ao acúmulo de tecidos adiposos que, naturalmente, são produzidos no corpo humano. Essa repulsa

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=PUC3I8IA81w> - acesso em 20/03/20

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=6Xiexn2zdok> - acesso em 20/03/20

acaba sendo potencializada por discursos médicos patologizantes, os quais classificaram o corpo gordo como doença denominada “obesidade” a partir da metade do século XX. Suas representações a tornaram, também, uma doença social que se desenvolve em sujeitos “sem vontade”, “acomodados” e “excessivos”, presos na sua própria condição (VIGARELLO, 2010, p. 318).

A transformação da corpulência em doença permeia questões morais, sociais e culturais que se modificam ao longo dos anos. Os riscos à saúde associados à obesidade e ao sobrepeso justificam a luta contra a mesma, que transforma o obeso em “doente” ou alguém que tem chances de adoecer, logo, devendo se tratar (POULAIN, 2013). Isso colabora na constituição da representação do gordo doente e, também, do gordo preguiçoso (que só está gordo “porque quer”), sedentário, estúpido e sem credibilidade (pois se fosse inteligente, não estaria em tal condição).

Essas são algumas das questões que, segundo Luiza e Alexandra, fomentam o preconceito contra pessoas gordas na sociedade, fazendo com que diversos sujeitos odeiem a si mesmos por serem gordos ou por não estarem próximos ao padrão estético – que é representado por corpos magros e definidos. Sendo assim, as youtubers se autointitulam ativistas *body positive* e buscam ensinar as pessoas, através dos seus vídeos, a se aceitarem e se amarem, independentemente da forma física e do tamanho. Para isso, ambas apresentam algumas “lições” aos seus espectadores.

3.1 Primeira lição: “Se perceba: conheça seu corpo!”

A primeira lição, que chamamos de “Se perceba: conheça seu corpo”, identificada nos vídeos, consiste em convidar o espectador a conhecer o próprio corpo a partir do autotoque e da auto-observação, além de analisar o próprio corpo de maneira não depreciativa. A ideia de convidar os sujeitos insatisfeitos com seus corpos a se conhecerem, se tocarem e se observarem parte de experiências pessoais das youtubers, pois elas afirmam que só passaram a se aceitar e amar após se conhecerem – ou, neste caso, conhecerem o próprio corpo gordo.

O discurso acionado pelas youtubers pode ser facilmente localizado em livros de autoajuda, sendo este um gênero literário que se popularizou rápida e massivamente a partir da metade do século XX e que continua a crescer. Ieda Tucherman (2012) afirma que esse gênero pode ser localizado em escritos já no século XVIII, sendo conhecido como tal somente no século XIX através de Samuel Smiles, com sua obra “*Self-Help*” – “autoajuda”, em tradução literal. De modo geral, é possível apontar dois principais segmentos da autoajuda: o primeiro

diz respeito à orientação espiritual que abrange a formação de uma subjetividade independente das instituições, e o segundo inclui exemplos, exercícios e conselhos (Idem, p. 321).

Em grande parte dos casos, os exercícios e conselhos são baseados em exemplos pessoais, marcados por um conjunto de regras que devem ser seguidas e que surgem a partir de verbos imperativos como “faça”, “desperte” (TUCHERMAN, 2012, p. 324). Dora Lilia Marín-Díaz (2012), ao analisar diversos livros de autoajuda e seus respectivos discursos, aponta que experiências pessoais são encontradas em abundância em muitas dessas obras. Nesse caso, esses discursos são apropriados pelas youtubers em seus vídeos a fim de ensinar o espectador a aceitar e amar seu próprio corpo. As lições presentes nos vídeos partem, muitas vezes, do mesmo modo como ocorre em alguns casos presentes em livros, em que a própria experiência confere legitimidade ao “método” ensinado, não recorrendo assim, em alguns casos, a estudos científicos ou à validação acadêmica de algum profissional (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 51).

Antes da lição em si, o “passo a passo” de Luiza, no vídeo “*Tour pelo meu corpo*”, por exemplo, consiste em contar sua trajetória de modo narrativo e também fazendo uso das imagens do próprio corpo (Figura 1) para explicar a sua relação pessoal com ele (Quadro 1). Mostrar, apontar e descrever o próprio corpo através do vídeo acabam também legitimando sua experiência e a ideia que deseja transmitir.

FIGURA 1 - Captura de tela do vídeo “*Tour pelo meu corpo*”, de Luiza Junqueira



QUADRO 1 - Trecho da fala de Luiza Junqueira em “*Tour pelo meu corpo*”.

Luiza: *“Meu mamilo também é um micromamilo. E o meu peito é daquele peito que não tem [sic] aréola definida, ele é daquele que vai meio que se misturando com o resto da pele do peito. E isso sempre foi uma grande insegurança, eu queria fazer mamoplastia porque eu precisava ter a [sic] aréola redonda e pequena*”

A partir do relato sobre sua relação com certas partes do corpo, da exposição e da descrição do mesmo, a youtuber segue relatando sua trajetória e tenta resumir como passou a se amar e se autoaceitar (Quadro 2).

QUADRO 2 - Trecho da fala de Luiza Junqueira em “Tour pelo meu corpo”.

Luiza: *“Foi um corpo que eu odiei muito, com todas as minhas forças. Em certo momento da minha vida eu decidi que não queria mais odiar meu corpo, não queria odiar mais quem eu sou e eu resolvi tentar amar ele. E foi um processo aí de pelo menos... pelo menos uns 4 anos que tô nessa, de tentar e tentar muito amar meu corpo, e eu acredito que eu consigo, sim, amar muito ele!”.*

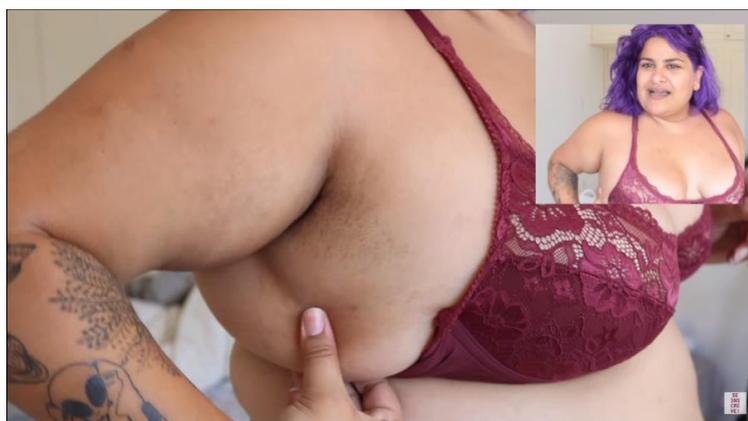
As lições de Luiza sobre perceber e conhecer o próprio corpo surgem após a exposição de seu corpo e de diversas explicações sobre como passou a amá-lo e aceitá-lo. A youtuber, partindo dessa experiência de observação e de autoconhecimento corporal, convida o espectador a fazer o mesmo, isto é, observar o próprio corpo, tocá-lo, analisá-lo para poder também se aceitar e se amar (Quadro 3).

QUADRO 3 - Trecho da fala de Luiza Junqueira em “Tour pelo meu corpo” (grifos nossos).

Luiza: *“Eu aconselho fortemente que você também faça um tour pelo seu corpo. Se você não quiser postar em algum lugar, não posta, **mas não deixe de fazer, de analisar cada partezinha do seu corpo** e você refletir qual foi a sua relação com cada parte pra você conseguir se entender e conseguir olhar pro seu corpo e ver que ele é nada além do que seu corpo”.*

A youtuber Alexandra segue com discurso idêntico ao de Luiza, bem como na forma como expõe seu corpo (Figura 2) e conta sua relação com o mesmo (Quadro 4).

FIGURA 1 - Captura de tela do vídeo “Tour pelo meu corpo”, de Alexandra Gurgel



QUADRO 4 - Trecho da fala de Alexandra em “Tour pelo meu corpo”, de Alexandra Gurgel

Alexandra: *“Aqui, do lado do peito, tem essa gordura aqui, embaixo do braço [Figura 2] [...]Então, por muito tempo, eu fiquei achando que eu tinha que tirar isso aqui, que isso aqui era uma coisa que me incomodava muito [...] então eu lutei muito contra isso, eu odiava isso!”*

Após a exposição e seu relato sobre sua relação com o corpo, Alexandra também convida o espectador a explorar, conhecer, tocar e perceber o próprio corpo como um meio de se autoaceitar e se amar (Quadro 4).

QUADRO 5 - Trecho da fala de Alexandra em “Tour pelo meu corpo”, de Alexandra Gurgel (grifos nossos).

Alexandra: *“Então vamos enaltecer isso, vamos ver com outros olhos, comece a se olhar de outra forma, comece a fazer um tour pelo seu corpo na sua casa mesmo, no seu espelho mesmo! Se perceba, se olhe, se toque! Tenha noção do seu corpo físico porque isso aqui é seu corpo físico, você tem que se tocar porque às vezes a gente se ignora demais, então se toca, entendeu, meu amor? E comece esse processo [de se aceitar] hoje, tá? Comece hoje!”*

Do mesmo modo como “empresários de ‘sucesso’” validam seus saberes a partir de suas experiências (MARÍN-DÍAZ, 2012), Luiza e Alexandra validam as suas, pois um dos elementos do discurso de autoajuda é “o privilégio do saber vindo da experiência de vida do autor – ainda que, em alguns casos, o destaque vá para a formação acadêmica como critério de validade desse saber” (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 52). Logo, é possível compreender que tal lição tem sua validação a partir das experiências que estas youtubers relatam sobre seus corpos e suas histórias de vida.

Neste sentido, como Faller (2008) identificou a emergência de representações “exemplares” de mestres dançarinos e de professores de dança em filmes hollywoodianos – tidos como “modelos” em termos de posicionamentos e atitudes –, as youtubers se constituem também como modelos, como “pedagogas” *body positive* exemplares, a serem seguidas por aqueles que buscam uma melhor relação com seus corpos, pois ambas fazem uso de suas experiências e conhecimentos para ensinar seus espectadores a aceitarem o próprio corpo. Tudo isso opera como instruções de autoajuda – consideradas, pelos Estudos Culturais em Educação, como “discursos pedagógicos (...) usados para modificar a conduta dos indivíduos pela ação que cada um realiza sobre si mesmo” (MARÍN-DÍAZ, 2012, p.19) –, para fazer com que o espectador também atinja um objetivo pela via do “passo a passo”: parar de se ignorar e passar a se olhar, se observar, se conhecer para se aceitar e se amar.

As sugestões presentes nos vídeos exemplificados e nos demais analisados, tanto de Luiza como de Alexandra, são construídas e expressadas da mesma maneira que os exercícios destacados por Marín-Díaz (2012) nos livros de autoajuda, pois o espectador que se propõe a tentar lidar e aceitar o seu corpo é convidado a olhar para si, analisar e observar seu corpo a fim de conhecê-lo, seja de forma direta – “observe seu corpo!” –, ou a partir dos relatos que se tornam espécies de “tutorial” que podem ser seguidos, marcados pelo tom imperativo dos

verbos “faça”, “observe”, “conheça”. Assim, este seria o exercício para abandonar um hábito ruim – ou seja, odiar o próprio corpo – para instalar novos comportamentos e chegar ao sucesso (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 54-55), o qual, neste caso, é aceitar o próprio corpo do jeito que este é.

3.2 Segunda lição: “É natural, é normal!”

A segunda lição identificada nos vídeos surge da discussão que Luiza e Alexandra trazem sobre a ausência de corpos que elas consideram “naturais”, “normais” ou “reais” nas redes sociais, uma vez que argumentam que a maioria dos corpos presentes na mídia (seja na televisão, internet ou mídia impressa) está dentro de um padrão estético exigido socialmente, ou seja, corpos magros, considerados, por vezes, como corpos “perfeitos” e “sarados”. As duas youtubers afirmam que isso acaba causando um efeito negativo em quem está fora desse padrão, especialmente as pessoas gordas, já que essas não conseguiriam se enxergar em tais representações midiáticas.

Ambas as expressões, “natural” e “real”, evocam discursos da ordem do normal, do comum. Isso pode ser visto no vídeo “Meus defeitos e imperfeições”, de Luiza (Quadro 5), no qual a youtuber se refere à flacidez, à estria, à celulite e à espinha como traços “naturais” do corpo.

QUADRO 5 - Trecho da fala de Luiza em “Meus defeitos e imperfeições”, de Luiza Junqueira (grifos nossos).

Luiza: “*Então, tipo... flacidez! As pessoas teimam em falar de flacidez de forma tão negativa, sendo que é tão natural. Tipo, a pele das pessoas, conforme elas vão vivendo, engorda, emagrece, engravida, sei lá... cresce... a pele vai ficando flácida mesmo, ninguém saca... a não ser que você seja uma bebê, que nada te aconteceu, sua pele é lisa e imaculada, é natural ter flacidez, é natural ter estria, é natural ter celulite, é natural ter espinha*”.

Para rastrear e analisar os discursos acerca do “natural” como adjetivação a um corpo que apresenta determinadas marcas, buscamos, primeiramente, localizar os significados de “natureza” e “natural” a partir da etimologia da própria palavra, relacionando-a também com alguns dos significados usualmente atribuídos ao termo “cultura”:

Neste sentido, podemos perceber como a compreensão de natureza vem sendo construída como aquilo que se opõe a cultura. Esta última passa a ser construída como algo “superior”, que consegue controlar e dominar a natureza a ponto de não pertencer mais a natureza ou não manter, com ela, uma relação de dependência (AMARAL, 1997, p. 102)

Partindo de tais considerações, algo classificado como “natural” estaria oposto à (e sem interpelação da) cultura e seus conjuntos de significados; seria algo não dominado e desorganizado. Nesta direção, segundo Santos (1997, p. 97-98), o corpo é resultado do cruzamento e da interação entre a biologia e a cultura, podendo ser, ainda, separado entre organismo e corpo, em que o primeiro é a expressão biológica e o segundo, uma constituição cultural que se estabelece com o mundo após o nascimento. Apesar disso, todavia, a biologia é um discurso – assim como a cultura –, logo, um organismo também é produzido, não sendo clara a demarcação entre tais categorias, fazendo com que não se possa opor cultura e natureza (HARAWAY, 1992 *apud* SANTOS, 1997).

Mesmo que se pense e se fale sobre um corpo “natural”, em nível biológico e/ou biomédico, trata-se ainda de um corpo interpelado por um conjunto de significados que são culturais. A racionalidade científica é também da ordem social e cultural, criando e disseminando conceitos, verdades, parâmetros e sentidos, regulando a vida dos sujeitos (FERREIRA, 2010). Neste sentido, afirmar que um corpo ou uma determinada característica física é “natural” é reivindicar um estado anterior à cultura e suas implicações. Entretanto, os discursos científicos e médicos se apropriam de tal adjetivação para se referir a um corpo que, biológica e fisiologicamente, se mostra dentro de um padrão aceitável a partir de suas métricas preestabelecidas.

A adjetivação não só do corpo como também de características físicas surge em outros vídeos da youtuber a partir de problematizações sobre padrão estético e mídia. Isso pode ser resultado do que Paula Sibilia (2005) se refere ao afirmar que o corpo passou a ser o “último grande refúgio da subjetividade, parece estar se tornando uma valiosíssima imagem para ser exibida. Pois o corpo *mostra* o que se é. E, como se sabe, essa **imagem** deve ser jovem, bela e magra” (SIBILIA, 2005, p. 5, grifos da autora). Dessa maneira, tudo que parece restar aos sujeitos é cultuar o corpo, aperfeiçoá-lo, modificá-lo e colocá-lo como o centro da vida contemporânea. Para a youtuber Luiza Junqueira, tais práticas e discursos resultam em uma busca por um corpo-padrão quase impossível de ser atingido, gerando, desse modo, insatisfação e frustração entre os que não conseguem tal corpo.

Movimentos como o *body positive* apresentam a premissa de que não é necessário se encaixar em determinado padrão estético para ser belo, se aceitar e se amar, e declarações como a de Luiza são como um meio para fazer os sujeitos atingirem o objetivo do movimento. A afirmação da youtuber convida o espectador a refletir e encarar o próprio corpo e suas características físicas, sem apontá-las como defeitos, entendendo que não há imperfeições, mas,

sim, marcas naturais. Logo, Luiza passa a lição de que não há nada de errado com o corpo, sendo, primeiro, necessário aceitá-lo da maneira como é (Quadro 6). Desta forma, a youtuber recorre à adjetivação “natural” a fim de livrar certas características dos significados patologizantes que as atravessam.

QUADRO 6 - Trecho da fala de Luiza em “Meus defeitos e imperfeições”, de Luiza Junqueira (grifos nossos)

Luiza: “...teoricamente a gente é cheio de defeito e a gente tem que amar nossos defeitos! Se a gente acha que é defeito, se a gente chama de imperfeição, como que vai falar pra gente amar o negócio? Entendeu? Então vamos ter outra visão sobre a coisa! É a gente começar a naturalizar a coisa mesmo. **Então, ao invés de a gente chamar de defeito, de imperfeito, chamar de natural! Celulite não é defeito, não é imperfeição, é natural! Estria não é defeito, é natural!**”

O processo patologizante não deve ser encarado como algo isolado de determinado grupo ou categoria de especialistas, mas, sim, como parte de vários segmentos sociais, organizações não governamentais e da indústria farmacêutica. Além disso, deve-se levar em consideração certas questões sociais, como o aumento do prestígio pela profissão médica – e seu poder na sociedade – e o enfraquecimento da religião perante a Ciência e a racionalidade – em que o estímulo à medicalização de sintomas leves ganha espaço e força (CONRAD, 2007; SCHÜTZ; RIPOLL, 2013, p. 54).

Deste modo, aceitar o próprio corpo e considerá-lo “natural” vai contra o discurso médico que posiciona certas marcas e características como patologias. Deve-se levar em consideração que “natural” seria também algo inalterado, que não passou por nenhum tipo de intervenção, ou seja, algo anterior à cultura. No entanto, o processo de “naturalizar” é também cultural, sendo disseminado, principalmente, pela racionalidade científica.

Luiza ensina seus espectadores que certas características físicas do corpo são “naturais”, negando determinadas verdades produzidas pelo discurso médico patologizante, enquanto busca outros discursos originários da racionalidade científica, como os da Biomedicina, para construir uma representação naturalizada de um corpo gordo com estrias, celulites, pelos e dobras – ou seja, a youtuber produz, discursivamente, um certo processo de naturalização da gordura, reduzindo-a (e estrias, celulites, pelos e dobras) a meros processos biológicos e fisiológicos.

Já no caso de Alexandra, quando se refere às estrias, é importante mencionar que a youtuber não afirma que elas fazem parte de um processo “natural”, mas procura normalizá-las também através de discursos biomédicos e fisiológicos, dizendo que a mesma é uma “cicatriz” e que não há nada que possa ser feito para alterá-la ou removê-la do corpo (Quadro 7).

QUADRO 7 - Trecho da fala de Alexandra em “Tour pelas minhas estrias”, de Alexandra Gurgel (grifos nossos)

Alexandra: *“Nenhum tratamento acaba de vez com as suas estrias, isso é impossível! É impossível! A pele esticou, tá ali... é uma cicatriz, não tem como. Então o que você pode fazer é lidar com as suas estrias, aprender a amá-las, aprender a entender que é a história do seu corpo, é a história da sua vida!”*

Ambas as youtubers citam processos biológicos, os quais são classificados como “naturais” ou “normais” dentro dos discursos médicos e científicos, para justificar a presença de certas características e marcas que surgem no corpo humano ao longo da vida. Entretanto, Alexandra não faz uso das palavras “natural” e “normal” no decorrer do vídeo “Tour pelas minhas estrias”; o ponto comum entre ambas é que o processo de construção da noção de que estrias são “naturais” ou “normais” passa pelos mesmos discursos para tentar representar as estrias – e outras marcas corporais – como não naturais ou anormais. Porém, quando se refere ao próprio corpo, Alexandra usa “normal” para descrevê-lo (Quadro 8).

QUADRO 8 - Trecho da fala de Alexandra em “Tour pelo meu corpo”, de Alexandra Gurgel (grifos nossos)

Alexandra: *“Não me incomoda mais o meu braço. O meu braço é um braço normal, ele tem as pelancas dele, tem as gorduras, ele é grande. Mas é isso, eu sou toda grande, meu corpo é grande!”*

Após Alexandra afirmar que seu braço é normal, ela aponta e nomeia algumas das características desse braço – “grande”, com “pelancas” e “gorduras” –, ou seja, características que, na maioria das vezes, não estão associadas a um braço considerado ideal ou belo, pois tudo que não é firme, liso, tonificado, ou considerado saudável – já que gordura não é sinônimo de saúde –, é indesejado na contemporaneidade (SIBILIA, 2005). Hoje exige-se, mais que no século passado, corrigir o corpo que é indisciplinado, sendo necessário resgatá-lo da anormalidade criada de acordo com os “monstros” que foram produzidos nesta era do culto ao corpo.

Para Courtine (2009, p. 259), o modelo do monstro surge quando, ao ver um sujeito, deixamos de ver seu sexo, sua idade, sua raça, pois tudo se perde na sua monstruosidade e naquilo que é anormal. O anormal ensina o que é normal, assim como o selvagem ensina o que é civilizado, remetendo aos *freak shows* e circos de horrores franceses e ingleses, os quais apresentavam pessoas com as mais variadas anomalias físicas como objetos ou animais em jaulas, entre a metade do século XIX e início do XX (COURTINE, 2009).

A contemporaneidade criou seus monstros e seus anormais, sendo um deles o gordo, o qual Fischler (2005, p.71) afirma ser aquele “que suscita a reprovação, quando não a aversão”. Contudo, o corpo anormal vai perdendo sua vinculação à figura do monstro para se tornar uma preocupação biomédica, isto é, o corpo torna-se doente ou defeituoso (COURTINE, 2009, p. 304). Busca-se a normalização por meio da Ciência, de cirurgias e intervenções, a fim de afastar o corpo da enfermidade ou do defeito: “a morte, a mutilação, a monstruosidade não têm agora nada mais de irreversível” (Idem, p. 319). Os limites entre o normal e o anormal foram reformulados na contemporaneidade, mas ainda há resquícios de um passado marcado pela presença de monstros que se reflete no modo como encaramos o que está fora do que é preestabelecido na cultura como ideal ou normal. Ao mesmo tempo que requer que se trate os indivíduos de modo igual, há ainda a perturbação do olhar diante dos corpos desviantes.

Considerações finais

Ambas as youtubers propõem, aos seus espectadores, amar, aceitar e lidar de uma maneira positiva com o corpo. Esses discursos de amor-próprio e autoaceitação nascem quando as críticas à necessidade de ser magro(a), saudável e belo(a) interpelam os sujeitos que não estão encaixados – ou que, mesmo tentando, não conseguem se encaixar – nessas representações. Há, então, a construção de representações através de um discurso transgressivo sobre o corpo – o qual, supostamente, ultrapassaria os limites morais, sociais, culturais e médicos, convertendo-se em um corpo que também mereceria admiração, respeito e culto. Tal discurso construído e propagado pelas youtubers busca a naturalização e a normalização do corpo gordo (ou, de acordo com a racionalidade médica, da obesidade), tentando livrá-lo dos estigmas e estereótipos, posicionando-o moralmente de maneira igual ao corpo magro, sarado, definido e, sobretudo, saudável.

A partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais e Educação, pode-se afirmar que tanto Luiza quanto Alexandra agem como “pedagogas”, pois elas contextualizam, exemplificam e explicam, produzem e ensinam lições sobre como amar o próprio corpo e como aceitá-lo. Essas lições são baseadas, na maioria das vezes, em experiências pessoais e em suas próprias trajetórias de autoaceitação, logo, esses ensinamentos acabam por se encaixar nos discursos de autoajuda. As próprias lições nos levam a localizar a retórica *body positive* dentro do gênero autoajuda também, pois ambas propõem um trabalho interno de analisar a si mesmo e, a partir disso, tomar uma atitude.

Vale destacar, por fim, o papel pedagógico desempenhado pela internet no que diz respeito à constituição das subjetividades. Neste caso, especificamente, pode-se afirmar que há a produção de um contradiscurso sobre o corpo gordo e a obesidade, possibilitando aos espectadores/“seguidores” das youtubers repensar seus corpos e os corpos dos demais, principalmente no que se refere aos ideais de beleza e estética vigentes. Isso possibilita novos modos de ser e existir no mundo, gerando tensionamentos e disputas de poder sobre, por exemplo, o que é bonito ou feio, saudável ou doente, normal ou anormal, aceitável ou inaceitável.

Referências

AMARAL, Marise Basso. **Representações de natureza e educação pela mídia**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

ANDRADE, Paula Deporte de. A invenção das pedagogias culturais. In: CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; ANDRADE, Paula Deporte de. (Orgs.). **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris, 2016.

BAUCKHAUGE, Christian. Insight into Internet Memes. **Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media: International AAAI Conference on Web and Social Media**, 2011.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias - Formas, ênfases e transformações**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CARVALHO, Eurídice Mota Sobral de. **Pedagogias do cinema em ação: representações de mulheres gordas em comédias hollywoodianas**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo 3: As mutações do olhar – o Século XX.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FALLER, Sabrine de Jesus Ferraz. **A dança redentora na escola: Uma análise dos filmes “Vem dançar”, “Ela dança, eu danço” e “No balanço do amor”.** 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo: Cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública.** 2006. 227 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-79, 1997.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (Org). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUCRJ, 2016.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas: Papirus, 2013.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas.** 2012. 419 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais,** São Leopoldo, v. 4, n. 7, jan-jun, 2016. pp. 29-36.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI Rafael. **Corpo em evidência**: a ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2013.

RIPOLL, Daniela. “Viver positivamente”: as lições ensinadas por peças publicitárias da Coca-Cola Company. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 11, nº 31, 2014. pp. 99-116.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: Daisy Lara de Oliveira. (Org.). **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997. pp. 97-112.

SCHÜTZ, Danielle; RIPOLL, Daniela. As pedagogias da mídia e a construção da medicalização na contemporaneidade. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, Canoas, nº 11, p. 53-62, 2013.

SIBILIA, Paula. O bisturi do software (Ou como fazer um corpo belo virtualizando a carne impura?). In: **COMPÓS 2005 - XIV Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2005, Niterói. **COMPÓS 2005 - XIV Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Niterói: COMPÓS-UFF, 2005. v. 1.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, 2004. pp. 68-84.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TUCHERMAN, Ieda. Relações perigosas: autoajuda, mídia e biopoder. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 19, n. 2, maio-agosto, 2012, p. 315-335.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.